

P 830



A Silheria

ANNO V

N. 179

500
RS.

RECIFE, 28 DE FEVEIREIRO
DE 1925



A VIDA É COMO O MAR

Uma onda nos levanta, outra nos submerge. Hontem estavamos no alto, confiantes e felizes; descemos hoje, desanimados e tristes. Sentimo-nos agora cheios de saude e de força. Repentinamente, a dor physica nos assalta, como uma onda traiçoeira e arrasta-nos ao desespero. Que consolo é termos, então, ao alcance das mãos, uma dóze de

CAFIASPIRINA

o melhor de todos os remedios contra dores de cabeça, garganta e ouvidos; contra nevralgias, enxaquecas, resfriados, malestar causado por excessos alcoolicos, etc. CAFIASPIRINA não só proporciona allivio immediato, como levanta as forças, provoca uma agradável sensação de bemestar e, sobre tudo, não affecta o coração.

Vende-se em tubos de vinte comprimidos ou em "Envelopes Cafiaspirina" de uma dóze.

Licenciado pela Directoria Geral de Saude Publica com o No. 208, de 7-10-1916.



Conto semanal — JUANITA

Tanto me haviam falado de Juanita Pérez, que tinha vivo interesse em conhecê-la. Com essa cruzada usada pelas pessoas praticas afim de dissipar as nevoas que rodêam os espiritos lyricos, minha tia Carolina dissera-me redondamente que a moça destructura um rendimento mensal de mil pesetas e que, si eu não pretendia casar com ella, ou antes com ellas — a rapariga e a renda, dava provas terminantes de ser mesmo o que sempre ella me havia considerado em familia, isto é, um estapido perfeito.

Além disso, ouvia por toda a parte dizer que Juanita não era muito instruida, porém recebia mil pesos mensaes; que não era uma belleza, mas gozava os mil pesos por mez; que, além de ser honesta e trabalhadora, tinha os taes mil pesos.

Emfim, fomos apresentados um ao outro, numa dessas festas offerecidas por tia Carolina ás suas relações, para celebrar qualquer data da familia. Inclinei-me com muita reverencia e ella me acolheu com imperceptivel fraiz de labios, que não chegou a ser sorriso, observando-me como mercadoria á venda. Immediatamente cuidei que já lhe haviam falado de mim com insistencia e até imaginei que lhe haviam dito que eu era "pobre, porém honrado"; que era pobre, mas escrevia versos; que era pobre, no entanto tinha amigos ricos e que, embora pobre, cursava a Universidade, devendo ao fim dos meus estudos pôr á porta de casa duas chapas de metal com o meu nome.

Convideta a dansar e como me disse que não sabia, pedi-lhe licença para sentar-me ao seu lado e comeci a commentar a animação da festa e a dizer-lhe que os arbustos floridos naquella fim de inverno me davam a impressão de serem arvores pretenciosas querendo inaugurar sozinhas a proxima primavera. Ella escutava-me como inteirada de ambas as coisas, dispensando-me uma como tolerancia e preferença a que lhe parecia dar direito o tal rendimento quinzenal de dez mil pesos...

Sua attitude molestou-me. Falava por delicadeza unicamente e ella escutava-me prevenida, como si esperasse a proposta de um negocio nebuloso pelo qual eu pretendesse apoderar-me de sua renda de dez mil pesos semanaes...

Habilmente, procurei animala e fazel-a falar, mas nada consegui. Séria e immutavel, parecia estar mentalmente calculando quanto lhe

havia produzido em juros até aquelle momento o ultimo deposito feito por conta de sua renda diaria de um milhão de pesos.

Falando de coisas boas e triviaes, puz-me a examinala. Tinha agradável conjunto de linhas delicadas e sob seu vestido cor de rosa, claramente se advinhava a opulencia total de sua juventude repousada e bem nutrida.

Entre as moças casadeiras que eu frequentara até então, era o prototypo da noiva ideal para um rapaz como eu. Porém pensaria que eu me dirigia a ella com o interesse de participar do seu rendimento de dez milhões de pesos por hora.

Naquelle momento, tive a certeza de que, si ignorasse a existencia desses cem milhões de pesos, por quarto de hora, ter-me-ia apaixonado por Juanita... o impulso que leva os estudantes enamorados a terminar o curso para casar-se logo. Entretanto, assim, tudo preparado pela tia Carolina, que, valendo-se dessas festas, competia abertamente com o milgrosso Santo Antonio, advogado das solteiras, o pudor da minha pobreza deteve-me com uma duvida forte e a mim proprio me perguntei:

— Gostarei de Juanita, ou de sua renda de mil milhões de pesos por minuto?

Enquanto este pensamento me mordia o cerebro, continuava dizendo coisas a tóa e observando Juanita, cujo ar de indifferença me pareceu demonstrar aborrecimento pela minha conversa. Por que não respondia, não ria, ou, pelo menos, sorria? Nada dizia de inconveniente que a obrigasse a fazer-se desentendida, nada difficil que não pudesse comprehender, nada indiscreto que a contrariasse e, contudo, continuava alheia á minha apparente jovialidade.

Calei-me e puz-me a olhar os pares que dansavam. Juanita tambem os olhava, porém sem alegria, sem entusiasmo, sem inveja sequer, com um gesto retorcido de desabrimento. Um moço veiu pedir-lhe a primeira valsa e respondeu seccamente, sem um sorriso, sem um obrigado:

— Não danso.

Por que seria assim essa rapariga bonita e rica? Enquanto os demais riam, dansavam, escutavam com manifesto agrado os rapazes que lhes dirigiam a palavra, e falavam, ella permanecia naquella abatimento.

Desejoso de saber a causa de

seu modo de ser, olhei-a de novo de soslaio até que meus olhos me fizeram mal. Aquella moça, cuja idade e louçania lhe proporcionavam infinitos recursos de graça para o amor, tinha a profunda opinião enganosa de que o seu unico attractivo era o seu rendimento e aspirava que os homens procurassem seu coração e não o seu dinheiro.

A aspiração era o que ha de mais justo, porém seu constante temor de vêr-se enganada por um necessitado fazia-a repellir a aproximação dos rapazes com aquelle pouco tacto que os afastava de todo.

Repentinamente, senti pena e desprezo daquella pobre alma desconfiada, cuja mesquinha preocupação lhe impedia gozar as delicias da mocidade e, pedindo-lhe permissão para fumar um cigarro, sahi de seu lado para sempre.

Em reuniões posteriores na casa de tia Carolina, tornei a vê-la sempre isolada e impassivel. De longe em longe, seus labios se franziam em inexpressivo sorriso de furor e nunca surprehendi em seus olhos a fagulha dum entusiasmo. Continuamente, naquella attitude glacial e reservada, como guardando á vista os dez mil milhões de pesos que recebe por segundo.

Faz poucos dias, commentando com alguns amigos o passado dos conhecidos que ficaram solteiros, algum falou de Juanita Pérez. Alvaro Silva, que estava presente, lamentou-a sem reservas e acrescentou:

— Tudo por culpa dessa lenda de rendimento! Não se falava della sem mencionar as rendas e cada homem que della se aproximava era depois olhado como um esparto que procurara casamento vantajoso. Juanita não era má, nem feia, porém a mãe se meteu na cabeça de enfeitall-a com esse captivante dinheiro imaginario e eis ahí o resultado!

— Como? perguntei. E o rendimento?

— O rendimento é uma fabula. A mãe, sim, é que é rica, mas dessas mulheres que quando chegam a ser sogras, parecem ficar immunizadas contra as enfermidades e nem ao menos se resfriam... A unica coisa que Juanita possui, desde que o pae morreu, é uma mensalidade de cem pesos produzida pelo aluguel duma casinha que possui em Floresta.

LUIS CANE.

Silva Moreira & C.^a

Especialistas em

Telhas de ferro galvanizado, Cutelarias finas, Louças Agath, Clark e Alluminio, Ferro, Chumbo, Latão e outros metaes, Oleos para Tistas e Lubrificação de machinas cylindros, Artigos para Agricultura, Marcenarias e demais officinas congeneres. Apparelhos Sanitarios, Bacias e utensilios de Dalton para Lavatorios, Armas de caça e guerra. etc., etc. Moinhos a vento, Bombas, Encanamentos e demais artigos concernentes a ferragens.

Grandes Armazens de Ferragens e Cutelarias em
grosso e a retalho

276 — Rua Duque de Caxias — 280

ARMAZENS DEPOSITOS — Rua Dr. Feitoza, 153-243-251



Com distincção e elegancia pode V. Exa., em qualquer parte, tomar uma Pastilha de **«Sœur Louise»**.

livrando-se assim do incommodo que traz a Tosse ou a irritação da garganta nas reuniões publicas, em sociedade, etc.

A venda nas principais pharmacias e drogarias.

Contra factos não
ha argumentos!

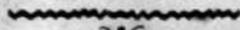
O "Café Guanabaa"

é o unico que V. Exc. deve usar
na sua residencia.

Teixeira Miranda & C.^a
Rua Direita



Um anno depois...



Um anno faz enfim... Faz hoje um anno
Que no meu peito a magua fez morada;
E desde então, minh'alma desolada
Vive a carpir um sofrimento insano!...

Um sentimento, sim forte e tyrano
Que a minha vida torna amargurada!...
Lembro o soccego da Era já passada
Quando não tenh_o pranto e desengano!

Sim, faz um anno e as lagrymas vertidas
Não me tornado as faces combalidas
Nessa expressã_o do meu desgosto eterno...

E os dias vão passando demorados...
E eu vou vivendo como os desolados
Quel se estivesse em verdadeiro inferno!...

8-2-925.

VICTOR D'AVELLAR.

res phantasticos, coleantes, sob a caricia morta dos velludos, no fundo de Gorgona das vitrines allucinadas.

Mas no deslumbramento de kermesse dessa perspectiva reverberante e louca, com pestanejamentos felinos e scintillações cegantes de metaes, lividos sorrigos de opalas e violetadas tristezas de amethystas, só as perolas, como as lagrimas, não deslumbram — commovem, não se irradiam — reflectem o destino de serem tristes, o dom de consolarem.

Das Miniaturas.

LUIZ ACCIOLI.



TELEPHONEMA

—Mãos como as suas, por exemplo, merecem beijos como estes... Si fosse na bocca, na sua bocca vermelha, teria no entanto, outra expressão...

—Ah! sim!...

De formas que se en beijasse Mlle. na bocca beijaria assim...

—Assim!...

—Foi rapido...

—Mas poderiam ter visto...

As perolas

Alma encantada que palpita nos chrystae e nas pedras preciosas; que fremes na lagrima luminosa dos diamantes e no sangue dos rubis maravilhosos; que transpareces no

sombrio fulgor dos topazios e no sorriso triste das linca_s saphyras...

E's toda vibração, gr_{it}o, riso, pingos de luz, gottas de sangue, lampejos de incendio, relampagos de olhar de fóra... E's tambem sensualidade quando desmaia_s em fulgores, no espreghamento voluptuoso dos colla-

DINHEIRO!

Quereis ter bom juro de vosso capital?
Effectuae vossas compras na



A SYMPATHIA

O maior sortimento em sedas e linhos

Pura tricolore em padrões chics de 10\$000 a 7\$800
Seda levavel, japoneza legitima " 15\$000 " 11\$000
Crepe de seda (espuma alta moda) " 30\$000 " 24\$000
Linhos em cores. " 12\$000 " 9\$800

Meias de seda dos melhores preços.

Uma visita na **A Sympathia** em seu novo predio

Rua do Livramento, 80

O Sabonete "RIALTO"

é o preferido por todas as pessoas
de bom gosto

De aroma delicadissimo e cuidadosa
confeccção, o seu uso

refresca e embelleza a pelle

Vende-se em toda parte

O SABONETE ZANUBIA

rivalisa com os mais finos sabonetes estrangeiros,
Uzal-o uma vez, é preferil-o sempre

Tintas para tingir em casa SUMIOR

Tinge todos tecidos e em todas as cores

E' a ultima palavra em tintas para tingir

Exijam sempre a marca "Sumior"

VENDE-SE EM TODA PARTE

Unicos Agentes : **Martins Pires & Cia.**

Rua do Livramento N. 110.-1º andar

UM PASSEIO A' MARTINICA

(Conclusão)

Estás no banco,
Estás de beijo branco;
Te rasgo o buxo todo de navalia!
No derradeiro arranco
Te cêso a mortuaia!
Estás morto, estás amortelado...
Chama teus amigos para te levá!
Levar para o convento para te
[encomendá!
Chama teus amigos para te acomodá!
[panhá!
Levar para o cemiterio para te
[enterrá!
Teus amigos, vorta e tu fica lá!...

O negócio, como se vê, é um tanto funebre, trágico mesmo, porém, a musica é tão alegre e a voz de Maria Joanna sabe dar á scena tão sangrenta uma nota tão alegre e mesmo humorística, que quasi não se percebe que ha nesses versos do *Bombá lálá* pelo menos um homicídio em projecto...

E' quando apparece o gavião e todo o mundo sabe a que destinos honrosos esta quasi sempre sujeita essa ave de rapina que é o terror das nossas galinhas, sem allusão...

Gavião... peneirou... peneirou...
[peneirou...
Peneirou... Peneira... peneira...
rou... peneirá...

Outro côco interessantissimo, cantado por Maria Joanna com estes versos sentimentaes:

Passa pr'aqui, passe p'ra qui,
[pueta!
Você está na linha recta
Vamos numerá...
Passa pr'aqui, passe pr'alli, seu
[Guararoba!
Você hoje come cobra
Como farofa de imbuá.

Puxa-puxa! corta-corta! emenda-
[emenda!
Que o ferreiro está na tenda
Bota cabo no punhá.
Lá vem o homem com o bahu'
[da miudeza
Agulha e didá...

Ninguém calcula quanto é grande o repertorio de Maria Joanna. Enche tal vez um livro de quinhentas paginas. Nenhum cantor de emboladas teria o cuidado de decorar como Maria Joanna o tão assombroso numero de quadras que ella canta nas suas toadas originaes.

Quando Renato se dispuzer a promover na sua casa, com almoço, jantar e ceia, "a semana ou o mez de Maria Joanna" para resolutamente fazê-la desembuxar tudo o que sabe, só assim se poderá conhecer a sua assombrosa fecundidade em canticos populares dos mais lindos que se pode imaginar.

Dentre todos o que a gente guarda com o maior agrado é o

Saia do sereno
Yáyá!
Saia do sereno
Yáyá!
Saia do sereno
Que essa frieza faz má.

principalmente porque tem umas quadras magnificas e é cantado com a ca-

dencia, o rythmo que lembra perfeitamente a acção prudente, prevenida, de quem puxa da janella a Yáyá, por causa do sereno, para que lhe não faça mal a frieza.

Dentre outros muitos, ha tambem estes versos que eu não quero deixar de transcrever e são cantados com o estribillo *Saia do sereno*...

O fogo quando se apaga
Deixa na cinza o calor.
Deixa no peito uma dor.
O amor quando se acaba

Passai rio, passai ponte,
Passel riacho de nado,
Somente para te ver
Bocca de cravo encarnado.

Quero-te bem ás avessas
Móde o povo não sabê.
Me rio, caço e brinco...
Só quero bem a você.



Daremos hoje por terminada a sensacional reportagem do agradabilissimo passeio a "Martinica", de que tão grata impressão nos ficou para sempre.

Tudo para nós foi motivo de encanto e dehlumbramento; desde as notas musicas arrancadas de estylisados instrumentos tangidos por mãos magistraes, desde a privilegiada guelha de Maria Joanna até o amabilissimo tratamento dispensado aos excursionistas pelo Renato Carneiro da Cunha e sua dilecta e virtuosa consorte, a exma. sra. d. Irene Carneiro Cunha.

A parte gastronomicã da festa correu na melhor ordem possível, com um certo cunho de cordialidade distincta, merecendo menção honrosa o farto e bem adubado vatapá á bahiana que constituiu a nota predominante do lauto almoço servido por Maria Joanna e pelo famigerado Jorge Moleque.

... que se tornou celebre pelos frequentes torneios de mude e capoeiragem sustentados com alguns poetas nacionaes. No ultimo encontro que teve Jorge Moleque com o poeta Olegario Marianno, allás parente proximo e compadre dos donos da casa, apanhou uma forte contusão no olho esquerdo que lhe deixou um caroço preto um pouco abaixo da sobrancelha e que nunca mais sarou.

E' famoso e original tambem no modo de rir. Uma gargalhada sua em Martinica é ouvida perfeitamente em Pittsburg, tanto que muitos amadores de radio-telephonia a tem apanhado frequentes vezes para impingir que são signaes de Marte, — a ultima palavra no artigo...

Sabimos do engenho ás 7 horas mais ou menos escoltados até a porteira por um exercito de besouros de todos os sexos e calibres, que nos invadiam as narinas, a bocca o ouvido "outras terras viciosas". O magnifico "Overland" deixou-nos no ponto do trolly da Uzina. A comitiva seguiu em dois desses rapidos e bulhentos barcos de navegação á vara, nada occorrendo de anormal na viagem, a não ser a inesperada presenca de um trem de lenha que vinha na linha, de costas, isto é, com os carroçes na frente e a locomotiva empurrando o tróço... Causou admiracão o facto do comboio acertar o caminho, em plena treva, alumiado o ambiente apenas com um candieiro de gaz pendurado no pescoço da machina, atraz de tudo.

A nota sensacional da viagem de regresso foi a passagem da celebre ponte de trezentos e tantos mil metros. Toda de lastro de madeira sem balastrada alguma para os trollys descenderem um pouco em caso de meditacão forçada por um descarriamento, a citada ponte é em tudo parecida com a "Tramways"; não se responsabilisa pela vida dos passageiros...

Os dormentes sobre que assentam os trilhos são collocados com a distancia de uns tres metros de um para outro e o admiravel é ver a destreza, a intrepidez, o patriotismo dos trollystas que, empurrando o fragilissimo carro de pau de quatro rodas, ehm as suas longas varas, correm celeremente a pé, por essa ponte perigosissima ou antes voam dando nufos heróicos de dormente em dormente. Só isso é de cortar o coração... Fica pois consignado um voto de louvor a esses bravos que se atiram desassombadamente ás asperezas de tão penoso serviço, sem monteblo para familia, sem seguro de vida apenas esperando os beneficios da lei contra accidentes que manda o patrão pagar, por vezes, ao operario, uma ridicularia por um dado de estimacão ou um pedaco de oha que ás vezes representa uma rellia de familia!

Don per terminado o fiel relato do que vi e senti nessa reunião delectosa de um domingo feio em "Martintica", nesse formoso engenho eolla casa de vivenda á toda movida á elegibilidade e significa um bello e intelligente fructo da operosidade e do talento de Renato Carneiro da Cunha um "gentleman" perfeito, uma alma de artista e um grande coração amavel.

JOEL.

DR. JOAQUIM INOJOSA

Transcrevendo um artigo sobre literatura portuguesa que publicou no "Jornal do Commercio", o nosso confrade e collaborador, o intellectual portuguez Dr. Joaquim Inojosa, a grande obra da Portugal. A *Montanha*, que se edita no Porto, antecede-nos nas seguintes e honrosas palavras:

Dr. Joaquim Inojosa

"Firmado por este nome de escriptor brasileiro, uma das estrellas mais redivivas da constellação modernissima de Grãa Arcaba, inserimos em *A Montanha* um trecho de prosa critica. Refere-se o dr. Joaquim Inojosa a Severo Portella e merece ser posta em destaque a forma brilhante porque essa critica está elaborada. Joaquim Inojosa, que, editado pelo "Jornal do Commercio", acaba de lançar a publico o volume de critica e de combate "A Arte Moderna", é uma mentalidade de escriptor-artista que se vai impondo a Lida a literatura latina. Praz-nos haver sido "A Montanha", o primeiro jornal portuguez que chama a stenção da literatura portugueza para a obra renovadora de Joaquim Inojosa, critico escrupuloso do "Jornal do Commercio", do Recife."

Já o escriptor Antonio Ferro, por em artigo publicado, anteriormente, no "Diário de Noticias" de Lisboa, havia destacado, com elogiosas referencias a accão renovadora que vem exercendo em Pernambuco o dr. Joaquim Inojosa.

CANÇÃO DO BLOCO UM DIA SO'

"Príncipe dos Principes", o "Se
Tem Bote",
"As Flores", "Apois Fum",
"Estou te vendo", "Cinzen-
tos",
Saudamos de um a um (Viva!)
"As Caracanhas", "Os Assanhados"
"O Bloco regular"
"Lyra de Caramion" "Lyra do
Amor"
Madrilenos. A saudar!

CORDO:

Em saudação sincera o "Bloco Um
Dia Só"
A estes Blocos tão apreciados saudo
com outro (em pé)
A todos desejamos, prazer, e sym-
pathia
Victoria incabeste que o povo
attee-se com alegria.

"As Antabuzas" "Os Pyrilampos"
"Apaches" "Apachientes"
"As Borboletas" "A Magnolia"
"Batutas" "Gigante"
"Lyra da Noite" "Real Grandesa"
"Lysos" "Independencia"
"Os Chrysanthemos" "Jacarandá"
Toda a nossa venerencia.

TELEPHONEMAS

"Nem figo nem tau" é corollario grosseiro do povo, que o pe-
pêga ao final de historias em que
ficcio provado que "mais vale um
passaro na mão do que dois voan-
do..."

A trefega meulna que de tudo
ri sendo, no entanto, de uma fina
sentimentalidade deixou o moço di-
plomado pelo guapo funcionario de
banco e excellente sportman.

Nesta secção publicamos, a tem-
po, um telegramma em que F. T.
desejava que *ele* não tivesse a
mesma sorte do seu antecessor.
Pois, dito e feito, Brigaram. Mais
uma vez, *ela* foi volúvel. E, as-
sim, novamente voltou ao primiti-
vo. Este porem, deu-lhe o castigo
de ter *ella* desobedeçida á velha lei
sentimental: "não se deixam os
amôres velhos pelos novos".
Foi por isso aquella questão dos
"beijos..."

o o o

CANÇÃO DO BLOCO "BATUTAS
DA BOA VISTA

Desperta em tudo um sorriso,
A vida é um sonho fagueiro,
De Castanhola e de guizo
Canta o Olegario Carneiro.

Alerta, amigos, alerta
No festim do Carnaval,
Que o Armando Costa desperta,
O nosso poeta ideal.

Batutas da Boa Vista
E' vencedor na folia,
Tem o maestro Baptista
Como um primor de alegria.

Nosso bloco sobraaceiro,
Audaz, feliz, sorridente,
Tem o Cizino altaneiro
Como um socio intelligente.

Tudo é festim, neste dia
Cheio de tanta canção,
Palpita em tudo a alegria,
Tudo canta sem emoção.

O' povo pernambucano:
Batutas da Boa Vista,
Num gesto audaz, soberano,
E' o vencedor na conquista.

Machinas de escrever

"KAPPEL"

a mais resistente e aperfeçoada

Preço - 1:000\$000

Vendas a prestações

Unicos agentes e depositarios em Pernambuco

SANTOS OLIVEIRA & C.

Rua do Bom Jesus, 163, 2º and.

RECIFE

ATELIER

DE COSTURAS

364 — Rua Nunes Machado

Antiga rua da Soledade

—Recife—

Corte costuras e bordados á mão
e á machina, com a maxima perfei-
ção, de roupas brancas para senhor-
as e creanças.

Encarrega-se de roupas para ba-
"Point á jour" trabalhos de agulha,
plisados, casamentos e de uso diario,
etc. — PREÇOS MODICOS

Rendas e applicações finissimas
de Ceará.



Mieux este rire...

SONETO

Para "A Pilheria".

Nada melhor que a gargalhada! A vida
E' boa — diz a sã philosophia.
No banquete do mundo, appetecida
Seja a garrafa, cheia de ambrosia!

Esse amargo de fêl da hypocondria
Não digere afinal bem a comida
— Si chora a pança quando está vasia,
— Ri quase sempre quando está nutrida! !

Nada melhor que a gargalhada franca,
Que os azedumes da careta espanca.
Dando um novo carmim ao velho rosto!...

Venha "A Pilheria", esfusiante e louca.
Escancarar a minha e a tua bôcca,
Muito mais — si é pilheria de bom gosto!

GAVROCHE.



Deste album, se até aqui, Senhora minha,
Chegar o vosso olhar, tende piedade
De quem do fim da vida se avizinha
Nuns derradeiros versos de saudade.

Saudade não da vida ardua e mesquinha
Que atravessei desde a primeira idade,
Porém do tempo em que o meu verso tinha
O audacioso vigor da mocidade.

Ai, nesse tempo os vossos dons divinos
Em vez de versos tropegos e mancos,
Teriam senhorias alexandrinos.

Hoje a Musa caduca, em vãos arrancos,
Anda, como eu, exausta, aos desatinos,
Toda coberta de cabellos brancos...

EMILIO DE MENEZES.

CAPILLOTONICO

Nome Registrado

O Soberano Revigorador dos
CABELLOS

Cura: Calvicie, Pellada, Caspas, Queda do
Cabello, etc.

Vendas em toda parte.

V. Ex.^a economizará tempo
e dinheiro visitando a



CAMISARIA ESPECIAL



Roupas brancas, artigos para
viagem, cama e mesa,
camisas, pijamas, ceroulas, gra-
vatas, perfumarias e outros
artigos para homens e rapazes.

O maior e o melhor sortimento

Rua Duque de Caxias-235

PHONE, 526

Semanario de artes, humorismos e mundanidades

Director proprietario — Alfredo Porto Silveira

Redação e administração: rua 15 de Novembro 331, 1º andar
Phone, 45

CIRCULAÇÃO AOS SABBADOS

Numero avulso 500 réis — Numero atrasado 800 réis

Assignatura annual 25\$000. Assignatura semestral 15\$000

Representante no Rio de Janeiro e São Paulo: dr. Luiz Mendes, avenida Rio Branco, 127, 2º andar, Rio de Janeiro.

A Silheria

ANNO V — NUM. 179

Vol. 28 de Fevereiro de 1925



RJALTO

Eu sei bem que, a essa hora, enquanto o leitor está a refazer-se do delicioso saracoteio desses alegres dias da Folia e eu estou a pensar em encher esta pagina, vasio de idéa e de coragem, o coração em pandarecos, de saudade, o cerebro esmagado, a alma cheia das multiphas emoções da mascarada ruidosa e boa que passou, entre a sensação embriagante do ether perfumoso; a vibração das fanfarras estridentes; á musica deliciosa das canções, quantas vezes entoadas por voitas suaves cuja melodia saltava, a dansar, dentro da nossa alma; á alegria franca da multidão a desbragar-se, descuidada dos rigores e dos atropellos da vida, na lucta do dia-a-dia; eu sei bem que, a essa hora, o corpo moido, pisado de fadiga, a alma a pedir, como diria um futurista, compressas nas temporas, só um desejo vive na alma do povo. Esse desejo é de que ainda houvesse mais umas horas de alegria. A alegria é tão boa! E' tão ephemera! Mas, o carnaval, como todas as cou-

sas boas, morre cedo. Após os seus tres dias de loucura, de prazer, de alegria, quando ainda a gente ouve dentro da alma, a se apagar, o écho longinquo dos ultimos ditoches de graça, por vezes duvidosa, das ultimas notas de uma canção mais impressionante, do ultimo sorriso encantador que se nos atirou ao coração, na quaresma. Então, á volta á lucta, a alma serenada, premida pela necessidade dos exorcismos da igreja, o carnaval vae-se ficando para traz, como uma hora boa que passou e de que a gente nunca sabe bem o resultado. As ruas amanheceram, na quarta-feira, cheias dos vestigios da grande alegria. Assim, tambem, a nossa alma.

A minha e a tua, leitor, estou a affirmar-o, estão, a essa hora, cheias dos vestigios da mascarada. Ha por lá arranhaduras perigosas, cujas cicatrizes, muitas vezes, ficam a lembrar-vos, por toda a vida, essa alegria que morreu com o nascer da aurora compungida da quarta-feira de cinzas...

JOÃO

OUTRO

EQUIVOCO



Você já me perguntou varias vezes com uma curiosidade cada vez mais irritante, porque foi que eu acabei o namoro com o Abelardo.

Sempre me esquivei a responder, para lhe deixar a liberdade de imaginar os maiores e mais pittorescos disparates sobre o assumpto. Isso, confesse, era uma grande condescendencia nos tempos de hoje, em que tudo se conta as escancaradas, sem os requintes sentimentaes do claro-escuro... (Eis-me a maisinar da epoca, eu que sou um genuino producto do seculo, que danço o "shimmy" e já fumei cigarrilhas opiadas para dar motivo aos outros de me apontarem, sem parecer que a tal os incitava...)

Mas, até este momento, você nada entendeu do meu exordio. Socague, vai comprehender daqui em diante.

Ante-hontem esperiei-a para o cinema. Lembre-se bem de que se compromettera comigo para o vespéral. E no entanto não veio, fez-me perder a hora chis da rua Nova e "muchas cosas mas"...

Decidi pois vingar-me contando-lhe a historia de Abelardo. Tira-lhe-ei destarte o prazer da illusão offerecendo-lhe a realidade.

Eu tinha naquelle tempo completado o decimo sexto anniversario e recebeu como bem deve recordarse, uma "barrette", de platina com uma esmeralda, presente de vovó.

Dias depois passou-me pela idéa que a esmeralda ficava mais vistosa entre dois brilhantes. Dahi levar a joia a ourivesaria para ser feito o acrescimo.

Ao sair, cruzei na calçada com um rapaz — oh, não no idealise! — um rapaz como qualquer outro.

Porque o olhei eu? Talvez nem mesmo o olhasse. Hoje estou convencida disso. Mas passados mezes no foot-ball encontrei alguem muito parecido com elle. Ia jurar que era elle.

Meu clube perdia vergonhosamente. Eu tinha as mãos vermelhas como papoilas, o lenço em farrapos tal qual a voz — um fiosinho rachitico e sem timbre — de formidavelmente torcer pela victoria.

Já as lagrimas me subiam aos olhos, quando — oh! céus — notei que o rapaz aclamava enthusiasmado, perto de mim na archibancada, o team contrario. Então deixei a raiva assomar livremente, dirigi-me a elle, cega, surda, louca e desandei-lhe com toda a violencia minha indignação.

Só comprehendí o escandalo pelos puxões que a Lourdinha me dava ao braço, capazes de deslocar os ossos de um auroch.

Fiquei confusa, mas sai sem me desculpar absolutamente. No bonde, entretanto, acalmados os nervos por

aquella especie de descarga, reparei que o rapaz casualmente me estava perto na plataforma do vehiculo. rareceu-me então que era o outro o do encontro á saída da joalheria.

A situação não deixava de ser interessante. Imagine que elle me deixava olhar tão adocicados, que cheguei a reacar não se derretessem ao sol como um phenomenal sorvete de creme...

Naturalmente fascina-o com minha indignada e resoluta attitude.

Comecei a estudar-lhe a tactica achando-lhe immensa graça. No entanto, ao fim de algum tempo, antes mesmo de chegar ao Recife, estava entabulado um flirt animadissimo.

Na terça-feira já nos falavamos ao portão as escondidas do papae, como nos namoros românticos, eu sabia que seu nome era Abelardo Melio, empregado no British-Bank, socio do Sport Club — primeira divergencia... — que não admittia "maquillage" e que nunca me tinha visto.

Eu, com franqueza, tive uma decepção: plantara-se aquillo em meu espirito de que elle devia ser o outro e não podia conformar-me com a realidade.

No dia seguinte, porém, modifiquei a opinião: ainda não experimentara a sensação de semelhante troca.

Mas vinguel-me.

Até ali usara apenas Pzlonka, o carmin, inoffensiva de madame Po-

toka. Comecei a utilisar o "baton", o khol e outras drogas identicas.

Abelardo ficava zangado, eu o conhecia e isso me alegrava.

Depois, notei que tinha um ciúme de turco — uma coisa fóra da moral da sociedade presente...

Fuz-me a contar-lhe, como inadvertdadmente, "flirts" que eu já tivera, inventando outros, numa astucia diabolica.

Houve uma occasião em que me excedi de tal modo, que elle perguntou:

— "Mas você que julga de mim?"

E eu a retrucar-lhe artificialmente:

— "Nada".

Quando esgotei o repertorio de pequeninas perfidias e que me fartei de martyrisa-lo, disse-lhe — abruptamente, para ver o effeito, "que queria encerrar aquillo".

E elle, citando já pensando em o nosso noivado, teve um tal choque, perdeu a cor, ficou tao sem espirito, que me despertou um riso formidavel, abalador de todas as enxaquecas dos visinhos.

— "Não é possível, Clara, não é possível!"

— "E o quê?"

— "Porque? que lhe fiz eu? Desgostei? Fale!"

— "Não, estou apenas enfastiada".

E estava-o realmente, de sua condescendencia aos meus caprichos. Eu precisava encontrar alguem mais forte, que me dominasse, a quem tivesse de curvar a cabeça, feliz de repouisar confiante em sua protecção.

Elle não era esse homem. Presentia, quasi, que ia vê-lo chorar.

E para coitar cerce tudo aquillo, disse-lhe ameaçando a voz:

— "Mas ficaremos sempre amigos, não sabe?"

Abelardo nada respondeu e eu me despedi e fui para dentro.

Tenho mantido fielmente a palavra: sou sua melhor amiga.

E oíhe que procedo com lealdade: minha vida vertiginosa tê-lo-ia feito muito infeliz, talvez, até o tornasse meu inimigo.

Aqui está todo o episodio. Si o tem hoje destituído de interesse, queixe-se de si mesma e não me falte para o dentista quinta-feira ás quatorze horas.

Sua — Clara."

Cabellos

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE REIS

A "Loção Brilhante" é o melhor específico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tinta. Não queima porque não contém saes nocivos. É uma formula scientifica do grande botânico Cround, cujo segredo foi comprado por 200 contos de reis.

É recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro, e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

1º — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.

2º — Cessa a queda do cabelo.

3º — Os cabellos brancos, descoloridos ou grisalhos voltam a cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4º — Detem o nascimento de novos cabellos.

5º — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.

6º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogarias, perfumarias e pharmacias de primeira ordem.

Alvin & Freitas, cessionarios da Caixa Postal n. 1379 — São Paulo.

Heloisa Chagas

CARNAVAL INFANTIL



Gracioso aspecto do baile carnavalesco infantil que se realizou em Bôa-Viagem, e delicia estancia balnearia. Pelas phantasias e pelas physionomias dos garotos vê-se bem



o quanto de encantadora foi a alegre festa da perfizada que se divertiu á grande, rendendo o seu culto ao valente Deus da Pandega.



Entre um acesso e outro da allucinada Mauricéa

Momo saqueou a cidade, durante tres dias e nos deixou somente uma grande Saudade da sua tyrania amavel e louca. A gente toda que andou nos berros pelas ruas, bebedeira de ether e allucinada pela alegria, volta à pasmaceira dos dias que correm, um atraz de outros com uma noite de permeio, para gaudío dos adoradores da obra de Deus. A Cidade volta à mesmice costumeira.

Somente os bohemios continuam o seu carnaval de 365 dias. Carnaval que não tem quarta-feira de cinzas.

Os que fazem da vida um culto severo, contentam-se com o carnaval que o calendario lhes concede. E para bem gozal-o, minuto a minuto, sem perda de um segundo, vêm à rua e cabriolam em meio ás parabolas espiraladas das serpentinas e ás nuvens coloridas de confetti. Estardalhaçam a sua alegria; fazem reclame della e só conseguem mostrar que são uma gente triste saboreando, vertiginosamente, a volúpia desbragada dos tres dias de loucura. Mostram-se como na realidade o são e provam, assim, que o resto do anno lhes é uma tremenda e uma angustiada oppressão.

Desabotam os cordões dos espartilhos das convenções e, sem peias nem impeçilhos, de tronco livre e braços desalgemados, vêm trazer aos pés de Momo soberano, as homenagens do seu culto. Descalçam-se e se põem a andar de pés nús, sobre o asphalto. Afivelam á mascara do rosto a mascara de papelão e riem, por dentro, o riso alvar das carantouhas horriveis. Põem de lado, como cousa imprestavel, a compostura, azeitam as canellas e affiam o gume da lingua. Trazem para os olhos dos outros, piscando, tambem, nos barcos das mascaras de panno, o espectáculo do que nós realmente somos, sem collarinhos altos e sem botões de verniz. E cada um se mira no outro como a verdade que só se realisa durante o ephemero reinado do deus folião.

Na quarta-feira de cinzas, a triste e desventurada quarta-feira de todos os Pierrots reaes e symbolicos, voltam á casa, apertam novamente, os cordões dos espartilhos dos preconceitos e atiram para o fundo de u'a mala, a vestimenta, cúmplice da sua sinceridade...

Desde, então, já não gritam mais no meio da rua, porque seriam levados á Tamarineira; já não se dirigem ás moças, como o fizeram nos tres dias que passaram, porque o bengalão do pae ou o box do irmão,

lhes ensinaria a respeitar ás prescripções de Gregorio XIII. Já não são mais os mesmos, os verdadeiros. Voltam a ser o que eram dantes: disfarçados, cutros, differentes dos b-hem'os que, por serem os eternos *carnavalescos da Vida*, só terão quarta-feira de cinzas trazida pelas mãos bondosas da Morte redemptora...

O Internacional reaffirmou o prestigio da sua tradição com o baile de



Carmita, graciosa filhinha de Mario Jovino da Fonseca e de sua digna esposa d. Luiza Rodrigues da Fonseca, uma encantadora phantasia á 1830.

carnaval de sabbado ultimo. Pode-se assegurar que a sua festa foi esplendida de cordealidade, de entusiasmo carnavalesco. Tudo isto por uma razão muito simples: porque os seus salões não se encheram demasiadamente. Outras causas concorreram para que a festa do Internacional jamais seja esquecida pelos que a ella compareceram. São circumstancias e detalhes a destacar porque decorreram dos esforços da directoria, empenhada, com vigor, em dar todo o realce á festa esplendida.

Há a annotar, antes de mais nada, as duas orquestras e a ornamentação interna do edificio. Aquellas, ás quaes não faltaram a competen-

cia de Nelson Ferreira e a "dedicação" de Nelson Vaz, estiveram verdadeiramente carnavalescas. A rivalidade entre uma e outra redundou em proveito dos dançarinos. Quanto á ornamentação, talvez nada tenhamos visto de melhor do que aquella visão de uma aldeia coberta de neve, com os seus velhos candieiros, e as suas arvores esgalhadas e as suas casas, de tristes janellas illuminadas dentro do deserto immenso da noite.

Tudo concorreu, pois, — desde a vastidão dos salões até a elevada sociedade que a elle compareceu — para tornar o baile de Carnaval do Internacional uma das melhores festas a que tenho assistido.

O Jockey-Club deu, igualmente, a sua nota de successo no Carnaval que passou. Com José Marques de Oliveira, Mandú Pinto, Ernesto Leça e Giacomo Palumbo, á frente das suas festas, outra cousa não era lícito esperar. O salão de dansas esteve repleto no sabbado, domingo e terça-feira gorda. A animação tocou ao auge: phrase já consagrada (e por isso verdadeira) que subentende o maximo de entusiasmo. Razão porque não direi que ultrapassou o auge.

As orquestras foram a expressão de todo o esforço e de toda a boa vontade de Andrade. A ornamentação interna trahia, ao mesmo tempo, a arte com que foi dirigida e a pressa com que foi feita. No domingo e na terça-feira maior intimidade se estabeleceu entre todos. E o resultado foi dansarem gatos e ratos, todos ao mesmo rythmo delicioso de alegria, deslembrados das tristezas da Vida e gozando o Carnaval como elle deve ser gosado...

O Jockey-Club nasceu victoriado e victorioso.

E o Country? As festas do querido club inglez já são conhecidas, em todo o Recife. Não seria eu quem viesse dizer aqui que o Country deu a sua nota de distincção carnavalesca, com um baile de muita frequencia e animação. Prova isto que os inglezes da terra são tão carnavalescos como qualquer bom brasileiro...

Mingua hoje o espaço para o relato de boas aventuras occorridas durante o Carnaval. Não perdem por esperar os seus protagonistas. Na proxima semana aqui estarei, descebrindo cousas do arco da velha...

FRADIQUE TORRES.

Jornal da Lavoura

Telephone 663, End. Teleg. CANNA. Redacção e administração, rua 15 de Novembro n. 422 1º andar. Uma vez por semana. Trata de interesses da lavoura, da industria e criação.

Assignatura, 15\$000 por anno.

O julgamento da Taça Goodyear

Conforme havia sido anteriormente noticiado teve lugar, na terça-feira, às 20 horas, em nossa redacção, o julgamento da TAÇA GOODYEAR instituída pelos acreditados commerciantes desta praça, srs. Alberto Amaral & Cia., por nosso intermédio, ao carro que mais bem ornamentado e equipado com pneus GOODYEAR, se apresentasse no corso.

Coube a victoria, por unanimidade, ao carro do illustrado clinico

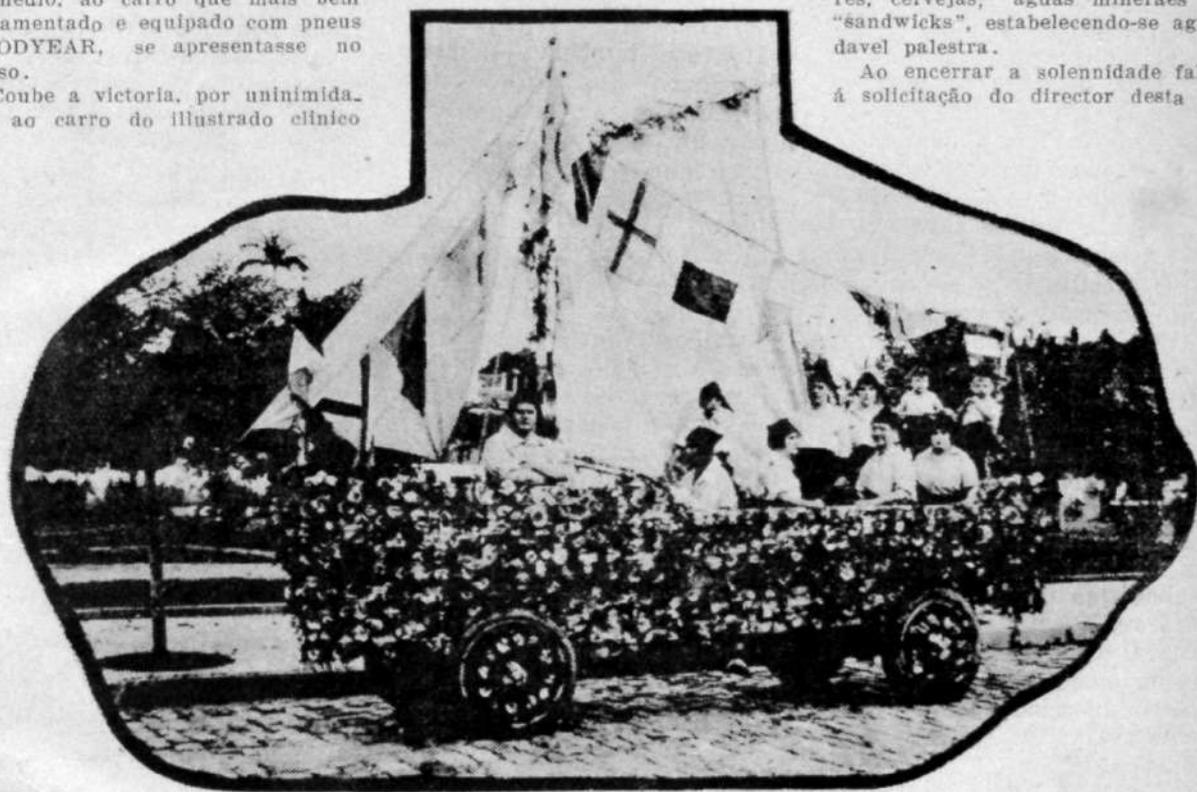
tregar momentos depois a palavra ao nosso director que iria fazer chegar ás mãos do conhecido facultativo o premio que tão merecidamente lhe coubera.

sentante da casa GOODYEAR, em viagem pelo norte.

S. s. foi de uma rara felicidade na saudação que fez aos victoriosos, obtendo ruidosos applausos dos presentes.

Em seguida foram servidos licores, cervejas, aguas mineraes e "sandwicks", estabelecendo-se agradável palestra.

Ao encerrar a solennidade falou á solicitação do director desta re-



dr. Gustavo Pinto—Embarcação a vella — trabalho de fino gosto artistico.

A's 21 horas, daquelle mesmo dia, em nossa sala de redacção presentes familias da nossa melhor sociedade, cavalheiros, jornalistas, teve lugar a cerimonia da entrega da taça, que se encontrava lindamente enfeitada.

Parado o carro do dr. Gustavo Pinto, em frente á nossa redacção foi s. s. e sua dignissima familia convidados pelo nosso director a subirem ao 1º andar, onde fica localizada a sala de direcção desta revista.

Reunidos todos, discursou o sr. Poli, gerente nesta cidade da firma Alberto Amaral & C., felicitando o sr. Gustavo Pinto para en-

Discursou então Porto da Silveira. Referiu-se ao fino gosto artistico do dr. Gustavo Pinto e de sua distinctissima familia, concorrendo como todo Recife é testemunha para a belleza do nosso carnaval elegante.

Entregava a s. s. a linda TAÇA GOODYEAR na certeza de que s. s. a guardaria com todo carinho, relembrando o brilho, que o seu senso esthetico e de sua familia souberam emprestar ao carnaval pernambucano de 1925.

Agradeceu o dr. Gustavo Pinto, com carinhosas e expressivas palavras.

Presente á cerimonia falou tambem o nosso talentoso ex-confrade do "Estado de São Paulo" sr. Alexandre Salles, actualmente repre-

vista o sr. Alexandre Salles, saudando em nome d'"A PILHERIA" a familia do dr. Gustavo Pinto. Fez-o num bello improviso.

Estava terminada a festa. O sr. dr. Gustavo Pinto e a sua digna familia voltaram ao seu carro acompanhados por diversos redactores d'A PILHERIA.

Ainda concorreram ao premio TAÇA GOODYEAR os caros: Pierrot Phantasmas, Flor do Arrayal, Pierrot Verde, Monjopina, Arco Iris e Bloco Vesper da Boa Vista, os quaes satisfizeram os requisitos estabelecidos pela casa Alberto Amaral & C. e estavam lindamente ornamentados.



De

AS SERPENTINAS QUE O TRAPEIRO LEVOU

Havia promettido vir, e veio. Desconfiado, mas veio...

Receberam-no, como sempre, com transbordamentos mais ou menos inferiores. Mais instintos do que alma. Gargalhadas; gritos, esgares de toda cor, chufas, improperios, sorrisos, vertigens, delirios, nudezes... Urros de *jazz-bands* e *ciangos* de clarins por toda parte. E, por toda parte, a musica tremula dos guizos, a musica doida das fanfarras espantosas e a musica insoffreavel dos gestos mais audazes e das audacias mais irreprimiveis...

Veiu. Desconfiado que viéra, mais desconfiado ficou ao chegar. Mais desconfiado ainda, ao ser recebido de tal maneira. Tudo, ou quasi tudo, a apothosar o Nú. As mulheres copiando quasi a phantasia de Eva no Carnaval do Eden, mas sem os classicos, ondulantes cabellos que de tão compridos tornavam perfeitamente dispensavel a parra biblica... Todas, ou quasi todas, ciosas das mesmas liberdades que a Natureza e a Vida outorgaram aos homens.

A nuca rapada, a cabelleira á masculina, a cartolinha petulante na cabeça, a bengalinha flexivel a gyrrar entre os dedos e a indicar, inquiéta e sabia, revolteando no ar, os pontos cardeaes do Amôr facil... Rosa dos ventos do *Flirt*...

Viu-as assim, sósinhas por toda parte, liberrimas, despersonalizadas, incaracteristicas, e entristeceu. Ou melhor não foi o que desejava ser. Foi frio, quasi desanimado. Passou o mais depressa possivel. E triste, frio, desconfiado, desilludido que estava, triste.

frio, desconfiado, desilludido morreu. Morreu como nunca...

Seu enterramento, entretanto, foi uma coisa solenne. Caracteristica.

Sei de alguém que o festejou numa grande victoria arlequinial, a autonovel, entre beijos virginaes, emplena arenosa estrada de Boa Viagem.

Houve tambem *cabarets* sumptuosas que o inhumaram apothoticamente, como convinha a um deus pagão de sua estirpe e magestade.

Sómente eu não lhe fui ao enterro.

Entristeci em meio á alegria hypocrita da turba, esqueci as poucas alegrias banaes e os pensamentos quasi ingenuos e romanticos que a Folia me proporcionara, e dei adeus ao Carnaval que ainda vivia, mas era triste de morte.

Vim para casa. Quebrei no caminho o monoculo cor-de-rosa que a alma de Antonio Nobre paradoxalmente me emprestára para que eu visse o Mundo e o Amôr alegres nos tres dias da sublime loucura, e adormeci cansado e cheio de tedio, para não ter um sonho, siquer até meio-dia da quarta-feira de cinzas.

Mas, ainda assim, apesar de ter olvidado, sem remorso, ou de procurar inutilmente olvidar umas poucas de sensações que me empolgaram no Carnaval, vou tentar recapitular, reconstituir, agora, nestas tiras á *la diable* para "A Pilheria", algumas emoções que a Folia bordou, desmanchou, fragmentou para meus olhos e meus ouvidos, ironicamente, delirantemente.

1ª melindrosa:

—Você foi ao *Jockey Club*?

João-da-Rua-Nova:

—Não.

2ª melindrosa:

—Por que?

João-da-Rua-Nova:

—Porque não sou socio...

3ª melindrosa:

—Joãosinhó é socio, *Dustan* é socio, *Inojosa* é socio, todo rapaz bonito é socio...

João-da-Rua-Nova:

—Sim. Todo rapaz bonito é socio. Depois, custa bem pouco ser socio. 200\$000 por anno. O que a gente perde em meia hora de *poocker*, segundo a autorisadissima opinião de meu illustre amigo e poeta dr. *Armando Goulart*...

4ª melindrosa:

—Pois então?

João-da-Rua-Nova:

—Você reparou no bello prestito dos "Dragões de Momo"? Admiravel, não achou? E você? E você?

—Poeta!... Olha o Poeta!... Olá, Poeta! Venha cá seu Poeta!...

—Muito obrigado! Obrigadissimo. Mas, o lança-perfume de mlle. parece conter pimenta...

—Que foi? Doeu nos olhos? Quando casar sára. Ou quer um beijinho nos olhos?

Foi a primeira vez em que tive vontade de ficar cego ou de ter sido cego de nascença...

—Maravilhosa! Maravilhosa!

—Poeta!...

(Torneio espiritual, mais perfumado, mais fino, mais subtil que o perfume de "Vlan" que o ar embalsamava)

—Agora diga-me seu nome. Honra me seja...

Está á venda a 4.ª edição, aumentada das

ULTIMAS CIGARRAS

os lindos versos do querido poeta

Monoculo...

—Laura...

—... de quem serei Petrar-
cha pelo menos nesta maravi-
lhosa terça-feira da Folia...

—Gosta muito do vocabulo
maravilhosa!

—E' que aqui tudo está ma-
ravilhoso, por sua causa. Mas,
vamos: Laura que... de que?

Uma voz do grupo, á distan-
cia, quasi impaciente.

—Petinha!... Vamos!...

A' porta da "Bijou":

—Você então não foi ao
"Jockey"!

—E' exacto. Não fui.

—Mas, por que?

—Porque não sou socio e
melhor, porque não danso, não
quero, não sei dansar.

—Dansar é o menos. Pode
ser que todos os que lá esti-
veram sejam socios. Mas o
que nem todos fizeram foi dan-
sar. E, sobretudo, baile carna-
valesco...

Um **almofadinha**, á parte,
imbecil e sarcasticamente, com-
sigo mesmo:

—Qual nada! Elle não foi ao
"Jockey" porque não pertence
á alta, nem teve dinheiro para
alugar a casaca. O mais é des-
culpa. historia fiada...

Na "Helvetica":

—Venha cá! Por que o sr.
é tão mau! Por que disse ain-
da ha pouco que eu só brinco
com os velhos? Eu ouvi...

—Perdão, maravilhosa! Mas
repare nas minhas expressões.
Ouça bem o que eu disse ao
meu amigo.

—"Ora!— Alli está uma cre-
atura tão linda, tão bella, e que
só está a brincar com velhos..

—Mas, não eram velhos...

—Eram, sim! Mais velhos do
que eu... Mas, perdôa? Uma
razão de meu ciume... Per-
dôa-me?

—Está perdoado...

—Santinha! Que divina está
você!

—Pois tome lá. E' o paga-
mento do elogio: dois **bons-bons**
num saquinho de sêda rosea, e
esta violeta de velludo.

—Hei-de guardal-os como re-
liquias para lh'as offertar, por
minha vez, no outro Carnaval.

—O Carnaval da Paschoa?

Na rua Nova, terça-feira :
O automovel de Arlequim.
Dentro: Arlequim, Colombina,
o pai de Colombina, as amigui-
nhas de Colombina...

Pierrot, risonho e ingenuo.
perfuma, sem nenhuma malda-
de e com o melhor perfume da
noite carnavalesca, os cabellos
de Colombina, a cara extranha
e prospera de Arlequim e as
mãos alegres das amiguinhas
cumplices de Colombina.

Mas nenhuma voz exclama,
sequer:

—Obrigado, amigo Pierrot!

—... Ms, então você não foi
ao "Jockey"?!
—Nem tão pouco ao "Inter-

nacional". Olhe, eu talvez
houvesse preferido o "Tri-
anon", o "Pás", a "Charanga",
a "Lyra do Charmion". Gente
bôa, alegre e modesta como eu.
Mas, o diabo é que não danso,
não sei dansar. Repare quan-
tos convites tenho ainda aqui...

—Pois, fez mal... Você não
sabe o que perdeu em deixando
de ir ao "Jockey".

—Mas, venha cá. Você é
socio?

—Não. Mas entrei com um
amigo que é socio e lá me le-
vou. E' exacto que me pedi-
ram mui gentilmente para dei-
xar o salão e vir embora, des-
de que eu não era socio. Eu
vim, mas confesso que gostei.
Gostei muito!...

—E o seu amigo? Não é so-
cio? Por que não interveiu?

—Qual amigo, qual carapu-
ça! Eu estava brincando. Eu
entrei foi de... **carona**.

—Que linda **baratinha!**

—Parece que a vi hontem
no "côurso".

—Parece com a **quebra-ca-
baço**—do Olegario Marianno.

—Homem, por falar em Ole-
gario: Você já leu a 4ª edição
augmentada das "Ultimas Ci-
garras"? Lindissima.

—Ora, essa! Está-se a fallar
em **baratas** e você vem com a
poesia das cigarras!

—Pois, então, deixe vêr, lá
um cigarro...

—Só se fôr feito com pó de
azas de cigarras.

—São os ultimos cigarros...

J O Ã O — D A — R U A — N O V A

ULTIMAS CIGARRAS

os encantadores versos de *Olegario
Marianno*, o grande vate pernambuco,
estão á venda em 4.ª edição,
revista e augmentada, de PI-

O QUI NÓS VÊ



NA CAPITÁ

Cumpade, vô ti iscrevê,
Mas porê não pôço não,
Tô cum coipo todo mole,
Piu cause da diverção
Seu cumpade, brinquei tanto,
Quaje morro em povão.

Vi seu cumpade, um doutô,
Uma neguinha beijá,
Pormetê um otomove,
Um marquizão, um sofá,
Roupa di seda, camisa,
Casa aqui na capitá.

Cumpade, os Dragão, saiu,
Foi a nota daquele dia,
Nam é crube, nem é broco,
Chama o povo, legoria,
E' muita gente trepada,
Nuns carro, cum fantasia.

Desna sabo, Lisiaro,
Qui danei-me prá brincá,
Nam avia Vitalina,
Qui nam foce namorá,
Cai em frevo danoso,
Prá mermo mi esbandaiá.

Tu sois casado, pirão,
Dixe a nega remexendo,
Só fulô, pru mode quê,
Agora só tô vivendo,
Prá tua beleza incantá,
Pra teus oio qui tô vendo.

Vitalina se casousse,
Já saiu du caritô,
O marido é pichichinho,
Grande ela qui um socô,
Vitalina tá contente,
Vitalina tira pó...

Nu carnavá, seu cumpade,
Nós perde intê o sentido,
Di pusissão nam si alembra,
Nem pru ico já uvido,
Doutô, disputado, ingrez,
Tudo no frevo mítido.

Eu tombeim nam iscui,
Levei tudo em arrastão,
Prometia a toda nega,
Di premeças um mundão,
Tudo di boca, cumpade,
Nam queria, nega, não.

Nu crube dos lenhadô,
Eu fiz tanta droadinha,
Fui im riba, fui im baixo,
Mas a veia Candoquinha,
Di vez imquanto eu pegava,
A perna duma neguinha.

Vi cazacudo, cumpade,
Cas nega si imparéa,
Dansnado um remelecho,
Da gente fazê chorá,
Doutô, cumpade, dizê,
Coisa boa é carnavá.

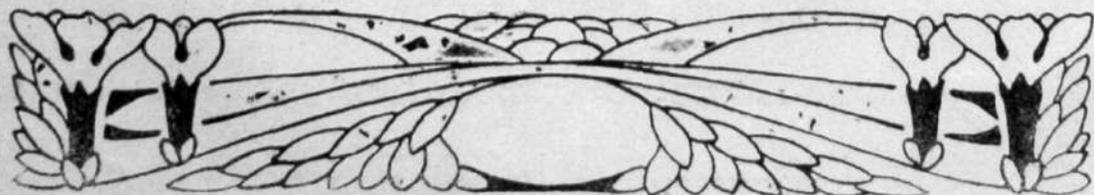
Eu tive im todos os broco,
No si tem... bote cumpade,
O matuto dansô dunga,
Dansô mermo di verdade,
Foi cum eles na Pitera,
Cum toda sólenidade.

A frevansa foi cutuba,
Cuma é bom o carnavá,
Cantei na lira du amô,
Seu cumpade foi brincá,
Cando acabôsse o brinquedo,
Eu fui cumpade chorá.

Pai di famia, danôsse,
Dexô fio cas muié,
Meteusse na frivoca,
Bancando di coroné,
Bicho besta é home velo,
Fazendo triste papé.

Sirvêra dixe tá coisa,
Fez discursos di oradô,
Trepado numa cadeira,
Na rua du Imperadô,
Dixe coisa seu cumpade,
Qui a negrada, imbatucô.

Carnavá é tam gostoso,
Todo o mundo perde a linha,
Dê lembrança a esse povo,
A Zefa, Antonha e Rosinha,
Sordades dos seus cumpade,
Policaipo e Candoquinha,
Policaipo e Candoquinha.



CARNAVAL!



Como decorreu em Recife, o alegre reinado de Momo. As visitas feitas a Pilheria. A entrega da taça da Casa Excelsior e o premio dos Lenhadores.

A ENTREGA DO PREMIO D' "A PILHERIA" AO "BLOCO SE TEM... BOTE"

A visita dos alegres folhões á nossa redacção, foi feita ás 20 horas do domingo, arrastando uma immensa onda de admiradores. Recebida a directoria do "Se tem... bote" pelo nosso director e demais redactores desta revista que se achavam presentes usou da palavra o nosso director dizendo da alegria que experimentava em poder naquelle momento entregar ao valeroso bloco de Casa Amarella a linda taça que a conceituada CASA EXCELSIOR lhe conferira, por nosso intermedio como premio ao seu merecimento. O nosso director teve palavras de justos elogios para a orchestra e para os membros componentes do bloco muito especialmente para o seu presidente o alegre folião Alvaro de Sá. Usou da palavra depois um dos socios do "Se tem... bote"; o carnavalesco Carneiro que teve palavras de agradecimentos para esta revista. Em seguida foi servido profuso copo de cerveja.

Foram executadas varias marchas e cantos debaixo de calorosos applausos. E assim sob as mais vibrantes aclamações deixou o "Se tem... bote" a nossa tenda de trabalhos.

A ENTREGA DO PREMIO D' "A PILHERIA" AO CLUB LENHADORES

Na segunda-feira, ás 21 horas teve lugar em nossa redacção a entrega da medalha de ouro por nós conferida ao velho e apreciado "Club Lenhadores", victorioso no concurso aberto por esta folha afim de saber qual o club carnavalesco mais apreciado. O "Lenhadores" veio á esta folha arrastando todo seu numero cordão e um acompanhamento incalculavel. Parando em frente á nossa redacção subiu a sua digna directoria e o estandarte. Nesta occasião discursou o nosso director. Relembrou as victorias que os "Lenhadores" têm sempre alcançado as quaes se vinha juntar mais aquella. Saudava

disse o orador o veterano club pernambucano vendo nelle um dos esteitos do carnaval pernambucano. Em seguida fez a collocação da linda medalha no estandarte a este tempo coberto de confettis pela assistencia. Agradeceu a saudação o orador dos "Lenhadores" com palavras que nos sensibilisaram. Na rua o sympathizado club executava retumbante marcha. A assistencia que se acotovellava na rua vivava incessantemente esta revista e aos "Lenhadores".

O PRESTITO DOS "DRAGÕES DE MOMO"

Merecendo os mais sinceros applausos de todo o povo pernambucano exhibiu-se na segunda-feira para um ruidoso triumpho o victorioso club de criticas e allegorias DRAGÕES DE MOMO. Atravessando ás ruas do Recife debaixo das mais justas e calorosas ovações o apreciado club pernambucano passou pela rua do Imperador seriam precisamente 22 horas e meia. Vinha cumprimentar a imprensa. Apresentando um prestito ainda não visto no Recife não só pela sua confecção como tambem pela sua concepção os DRAGÕES DE MOMO excederam a expectativa geral. Não ha exagero em afirmar que o cortejo dos DRAGÕES foi a nota de requintada elegancia e brilhantismo da noite de segunda-feira. Ao passar o prestito pela rua do Imperador veiu á nossa redacção uma commissão composta dos srs. Dr. José Apollinario (presidente), Oscar Mello (vice-presidente), capitão Carlos Affonso (cordeiro), Benjamim Torreão Filho (secretario), Rufino Abdon (thesoureiro) e Luiz de Franca, director do prestito, trazer as saudações dos DRAGÕES DE MOMO á "Pilheria". Fallou o capitão Carlos Affonso, agradecendo o nosso directo.

Estiveram em visita á nossa redacção durante os tres dias de Carnaval:

"Club 6 1/2 da Manhã", com bem acabados carros de critica; "Bloco Todos de Branco", fazendo

original propaganda da conhecida "Camisaria Especial", estabelecida nesta cidade; "Troça Pega Tudo", "T. C. M. Prato Mysterioso", "T. C. M. Pão Duro", arrastando 96 figuras no seu cordão. Veio visitar-nos uma commissão composta do seu presidente sr. José Jesus e José Maria, secretario; "Bloco Bebês em Folia", com encantadoras phantasias. Executou lindas cantorias; "Bloco Se Chorar Apanha", com interessante phantasia e com uma orchestra afinadissima; "Bloco Príncipes dos Príncipes", cujas phantasias e afinadissima orchestra lograram repetidos applausos do publico; "Bloco Ai Vitalina"; "Bloco Batutas da Boa-Vista", com interessante phantasia; "Bloco T. P.", composto de telegraphistas pernambucanos; "Bloco Lyra do Amor"; "Bloco Pyrrhampos", lindamente phantasiados e com orchestra dirigida pelo maestro Raul Moraes; "Bloco um dia só" de cuja directoria nos vieram cumprimentar o sr. José Calazans, director da orchestra e Mario Teixeira, director; "Club Vassourinhas", arrastando uma onda de admiradores e "Bloco Quadrilha dos Ratos Cinzentos".

Estiveram em nossa redacção Cacilda, danarina Egypcia e Cremilda, "Homenagem á Imprensa", filhinhas do advogado dr. Adacto Acton, vinham as lindas creanças ricamente phantasiadas.

Miris, Marina e Hestria, graciosas filhinhas do nosso presado companheiro professor Eustorgio Wanderley, estiveram tambem nesta redacção apresentando lindas e artisticas phantasias. Hestria, vinha phantasiada de "Perola...".

Estudos Graphologicos

O nosso presado collega Léo Veiga, attendendo ao grande numero de consultas que tem recebido para esta secção, pede por nosso intermedio as pessoas que desejarem consultal-o aguardarem 15 dias, tempo que elle julga sufficiente para responder as perguntas que tem em mãos.

REGISTO SOCIAL

Ilustra a nossa capa, hoje, o retrato da graciosa senhorita Ely Weine, do nosso *set social* e bacharela em sciencias commerciaes.

ANNIVERSARIOS

Transcorreu na ultima quarta-feira a data natalicia do distincto moço Francisco de Faria, nosso confrade do *Jornal do Recife*.

Possuidor de excellentes predicaes moraes, o anniversariante recebeu pelo auspicioso motivo carinhosas demonstrações de apreço, as quaes juntamos as d'A Pihéria, muito cordealmente.

Transcorreu no dia 19 do corrente a data natalicia da preñada senhorita Nair Figueirêdo Cavalcanti, filha do sr. João Cavalcanti, funcionario da Recebedoria e de sua exma. consorte d. Olga de Figueirêdo Cavalcanti.

Transcorreu na quinta-feira a data natalicia do illustre engenheiro dr. Samuel Pontual Junior, operoso director do *Jornal da Lavoura*.

DR. MARIO RAMOS — Passou na quinta-feira o anniversario natalicio do distincto e reputado bacteriologista dr. Mario Ramos, chefe do gabinete de bacteriologia do Estado, e propecto professor das Escolas de Medicina e Odontologia de Pernambuco.

Muitas foram as homenagens que recebeu o illustre anniversariante.

NOIVOS:

Contractaram-se em casamento nesta cidade no dia 19 do corrente o distincto moço José Vasques de Souza, habíl auxiliar da Casa Pratt e a graciosa senhorinha Jozilda Duarte Santos, filha do sr. João da Silva Santos, pagador das Obras Publicas do Estado.

Os noivos são pessoas de destaque em nosso meio social.

VISITAS

Presentemente nesta capital, visitou-nos na semana finda o estimavel sr. Manoel Amorim Pereira Sobrinho, encarregado do Posto de Assistencia Veterinaria de Buique. Gratos.

VIAJANTES

A bordo do paquete inglez *Arco*, chegou a esta capital na ultima quarta-feira o illustre sr. dr. Luiz Mendes, nosso prezado confrade d'O Paiz, do Rio de Janeiro e representante do *Jornal do Recife*, na metropole.

O dr. Luiz Mendes que é tambem representante deste semanario na capital do Paiz teve um concorrido desembarkue.

A *Pihéria* cumprimenta o distincto confrade.

Em serviço da *The Goodyear Tire & Rubber Co. Of South America*, encontra-se em Recife, desde alguns dias o distincto cavalheiro sr. Alexandre Oliveira Salles.

O digno cavalheiro que é tambem nosso confrade de imprensa, serviu muitos annos no *Estado de S. Paulo*, de cujo corpo redaccional fazia parte.

FALLECIMENTO.

Na cidade de Gravata para onde fôra em busca de melhoras para a sua saúde alterada, falleceu na terça-feira, ás 10 horas, o cohecido cirurgião dentista dr. Bento Bernardes, que exercia com desveio sua clinica nesta capital, ha longos annos.

Casado com a exma. sra. d. Lucila Bernardes, não deixa o pranteado morto filhos.

Era ainda o inditoso morto filho da exma. sra. d. Francisca Bernardes e irmão dos srs. João e Mario Bernardes, e da exma. sra. d. Severina Bernardes de Oliveira, esposa do nosso confrade sr. Armando de Oliveira.

Pobre cega

—Pobre cega, por que choram assim tanto esses teus olhos?

—Não, os meus olhos não choram, são as lagrimas que choram com saudade dos meus olhos...

PRECE

Quero de ti a promessa: quando viér o ultimo somno, has de pousar-me a cabeça em folhas mortas do outomno, para que eu sonhe (tão lindó! o sonho dos sonhos vão...) que vou, sereno, dormindo no amparo das tuas mãos...

Alvaro Moreyra.



Benjamin Torreao Filho, cavalheiro de finas manieras e muito co-eituado em nossa sociedade tem no dia de hoje o decurso da sua data anniversaria.

Em Afogados, onde reside, o distincto nataliciano receberá, em recepção, todos os amigos que o forem cumprimentar.

MEDITANDO

(A proposito do carnaval no Recife)

A vida tem contrastes bem cruéis: A dôr junto ao prazer vemos as sim!...

Aqui festejam Momo os seus fiéis E lá no Sul a guerra sem ter fim!

Sinto invadir-me o coração triste. zas mil Quando medito sobre a sorte do Brasil.

Oderfl: Ameg.

SCIENCIA

Foi aberto nesta semana, perante uma douta assistencia, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, um *estudo* onde fôra encerrado o cadaver de um qualquer mortal, embalsamado após a solennidade funebre do ultimo suspiro, pelo professor Rivalta que se utilisou para tal peripeicia de um systema de que é co-inventor, o sythema Maggia-Rivalta.

O professor Rivalta fez a sua experiencia em Novembro ultimo e dizem as testemunhas de vista da delicada operação que o cadaver embalsamado pelo professor Rivalta não teve o minimo gesto de revolta, como seria de suppor.

DONA ALICE — Não pense que seja incommodo para nós responder ás perguntas das nossas gentis leitoras. Aliás, não a conhecendo, eu peço por affirmar uma qualidade em alguém que não conheço. Basta-me, porém, a sua carta para me autorisar a tal affirmativa. O Fradique Torres que chama "interessante", entre aspas, é um moço de nossa melhor sociedade, muito fino, muito cavalheiro e estimadíssimo cá em casa. A sua magua tem origem, decerto, alguma referencia mais indiscreta de sua parte. Não dê, porém, importancia ao caso, uma vez que a indiscreção é um mal dos jornalistas, mal sem cura e sem remédio.

PERIGOSO — O seu pseudonymo está talhado a amedrontar um poltrão. E foi feito a proposito. Alguem lhe disse, decerto, do valor de seu trabalho, valor cuja realidade só você conhece. Imagine o quanto seria doloroso, para você, ouvir de nós que o seu trabalho "Folia" é positivamente uma choldra! Imagine isso e não acalente a idéa de exigir a sua publicação, para evitar o desgosto de tal declaração. Se você continuar a escrever cousas daquella ordem, será mesmo... *perigoso!*

ARLINDO PERES — Dos tres sonetos que nos enviou, só conseguimos salvar o *Magna*, pelo aspecto original do thema. Ha deslizes de metrificação que vamos concertar afim de publical-o opportunamente. Os outros dois são doentes incuráveis. Para elles, nem balões de oxigenio..

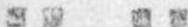
LILIASINHA — Então você dá vertim á grande o Carnaval! Eu estou a ver o que foi a grande pagodeira! Todavia, como não a conheço — o que lamento — não avanço suposições. O Carnaval é, incontestavelmente, a melhor festa do anno. São os tres unicos dias em que se permite, na vida, a alegria franca, intensa, viva, sem peias, nem preconceitos. O que eu admirei, porém, foi a sua coragem de me escrever em plena quarta-feira de cinzas. Só muito interesse a abalaria, no dia da *ressaca*, a tal heroico gesto. O que você quer saber, porém, minha bôa amiguinha, é diffiél de responder. Imagine que eu não vi o tal "moço de branco, com olhos de azeviche e tez morena", como você o descreveu. E, se não o vi, como lhe posso dizer o nome. Eu não sei "tudo", Liliassinha, eu sei, apenas, o que sei... Sei, por exemplo, que você deve ser encantadora! Acertel?

LEVITA — A sua historia "Pierrot, Colombina e Arlequim" é uma descripção de collegial, a quem se deu o velho thema. Por isso, a sua



Carlos Alberto e Fernando Augusto, galantes filhinhos do illustre dr. Candido Marinho e de sua dilecta senhora d. Luiza Pedroza Marinho.

Carlos Alberto, que é um galante e intelligente rapaz, solenniscu o seu 6º anniversario natalicio no dia 15 do corrente.



inutilidade para nós foi uma cousa fóra de duvida. De outra vez, pode ser que a sua estrella o oriente melhor e, então, veremos como será a... historia.

JOEL PEREIRA — Não se entende conosco o caso. — A nossa ultima edição foi totalmente exgotada. — Para annuncios só procurando o nosso director, em nosso escriptorio. — Circula no interior do Estado e Estados limitrophes. — Somos gratos ao seu interesse.

ALCIDES JUNIOR — Então, "seu" marreco, você pensa que isso aqui é agencia de casamento? Está

muito enganado. Guarde as suas lamurias para outra parte. Se a sua Diva não o quer, você que se amolle, ora essa! Nós é que não nos podemos abalar de nossos affazeres para ir servir de intermediario entre "noivos de relações rotas", na sua expressão. Já nos damos por satisfeito de que a sua magua não o faça um desses muitos poetas chorões que vivem ahí, mundo afóra, atrapalhando a paciencia alheia.

Isso sim!

LEUCBORBA.



A Porta do Leça



CDL-XXX



Reportagens & Indiscreções

HOMEM DE NEGOCIO.

Um dos nossos melhores companheiros, extremamente querido cá pelo pessoal de casa, professor de uma baralhada sciencia que lhe tem valido muitas amizades e outras tantas inimidades, esteve, até hoje, a salvo das trepações deste local, de onde o Leça banca, do alto de seu prestigio formidando o magnifico reporter.

Isento até hoje das perfidias do nosso patrono, o carnaval que tudo faz e tudo pode, arrastou o joven scientista a motivo desta nota que deveria vir illustrada com nomes e pseudonymos se não fosse preciso evitar serias complicações... diplomaticas.

O carnaval, é notorio, prima por ser a festa da dissipação e do desperdicio. Foi attendendo a essa grave circumstancia que o nosso querido companheiro chegou á manhã da ultima terça-feira com as algibeiras saudosas do convívio confortador e prestigioso de algumas notas bancarias. Dahl, por isso, o despreoccupado Locard tornou-se, forçado pela circumstancia, o que se chama um *homem de negocio*.

O accaso veio em seu auxilio e elle teve a feliz oportunidade de receber um presente de duas velhas camaras de ar para pneumatico. De posse da mercadoria, procurou comprador. Habil corrector, em breve fechou negocio, por 50\$000. A quantia não era lá para se desprestar e o joven scientista acertou a "escrípta" cuja columna do deficit estava sobrepunhando a sua exigente antagonista.

Por isso, o commercio teve a me-

nos, na sua boia de lanças, as que o joven graphologo consumin aos poucos, aos "pedaços"...

DO AMADEU...

A *Pilheria* instituiu um premio ao bloco mais querido na cidade. Conquistou-o o *Se tem... bote*. A solemnidade da entrega do premio foi marcada para o domingo, obrigada a discurso, cerveja, vinho... do Porto, etc.

O Amadeu esteve sciente de tudo. Noivo que é, porém, elle precisava fugir á noiva, nessas horas de folia, para fazer cahir no frêvo a sua ossada. A sua poderosa força creadora de "jornalista desvelado" estava quasi inutil quando uma reacção se operou. Estava a soar a hora em que o bloco chegaria á redacção com todo o seu esplendor de musicas e... etc. O Amadeu bateu na testa, imitou o Ah! do Pinto Filho e disse á noiva:

—Não posso deixar de ir. A saudação vae ser feita por mim.

Depois, entusiasmado:
—O meu improviso vae ser formidavel!

Entonou bem a admirativa, frisou o adjectivo e disse, heroico:

—Passei tres dias a escrevel-o...

O PREFIXO "A"...

Batelão, o moço que entre nós já enquistou uma grande somma de affeição, o charadista immortal que tem dois cognomes bem ajustados, divertiu grandemente o carnaval de 1925.

Os primeiro e segundo dias, Batelão passou-os a dançar e a rir, satisfeito da vida risonha e encantadora da folia.

No terceiro dia, porém, Batelão, miseravelmente ludibriado, ingeriu, sem perceber, alguns grogs, na ingenua persuasão de que ingeria sorvete de cognac com vermouth.

O effeito foi o que poderia ser. O Batelão ficou alegre e desandou a decifrar e compôr charadas de todos os feitios. Entre uma e outra charada, indagava, sempre, aos amigos:

—Você é meu amigo?

—Sou.

—Eu estou no meu estado *normal* ou *a'normal*?

—Normal, Batelão.

—Anh! Eu bem que sabia... O "a" é prefixo de negação...

O Amadeu, ao lado, indagou:

—Então "a" é prefixo? E "o"?

O Batelão ageitou os olhos, saudou-se para melhor equilibrio e respondeu, serio:

—O "o" é... suffixo!

Dr. A. de S.



A moda de calçados para senhoras

no Rio de Janeiro, quem dita é a fabrica

E N I G M A

Em Recife a

“CASA EXCELSIOR”

Recebe **Enigma** em
primeira linha.

Procure conhecer os ultimos modelos em
Salto Mexicano

Livramento, 53 — Phone, 2568

PALINGENESIA

Foi numa viagem de Paris a Marselha. O acaso deparou-me um companheiro de amena conversação. Pela minha pronúncia do francês, facilmente reconheceu que eu era de nacionalidade hespanhola. Circunstancia que logo estreitou mais nossa nascente camaradagem. Soube, então, que elle tambem era hespanhol, se chamava Fernando Arjona e havia vinte annos vivia em Paris.

Nossa conversa sobre varios themas e o proposito de certa digressão litteraria, Arjona me perguntou: —Acredita você na sobrevivencia da alma?

—Ha muitos argumentos, em favor dessa idéa, respondi.

—Não se trata de argumentos replicou elle, pois tenho a certeza que continuamos a viver alem da morte.

—Certeza! objectei.

Sim, certeza, certeza absoluta. Si você quer, conta-lhe-el um caso, por demais interessante que demonstra o que acabo de affirmar.

—Sem duvida, quero, acquiescis sem detença.

Nada nelle denotava propositos jocosos, menos ainda perturbação mental. Pelo contrario parecia um homem ponderado, intelligente e culto. Seu character, pois, contribuiu para tornar a aventura mais interessante. Escutei-o attentamente.

—Bem, continuou Fernando, eis aqui a minha historia, que considero unica se não por sua indole, ao menos por suas circumstancias.

Ha vinte annos vivia na Hespanha, em Sevilha, onde nasci, e acabava de perder meu pae. Minha mocidade fóra sempre bastante turbulenta; porem, quando fiquei definitivamente só e de posse de alguns milhares de pesetas, ainda fui mais bulhento. Como bom filho da minha risonha e luminosa Sevilha, só me preoccupi em divertir-me. Passava as noites e parte dos dias em reuniões agradaveis. Certa manhã depois de separar-me dos amigos, sentei-me em um kiosque da Alameda de Hercules, com o fim de comer qualquer coisa antes de voltar para casa.

Não ha duvida que estava excitado pelas libações da noite que passara; porem o certo tambem é que me sentia em pleno goso de minhas faculdades physicas e intellectuaes.

De repente contemplando as aguas suaves do Guadalquivir, minha imaginação apresentou-me, com a nitidez dum quadro real, os seguintes pormenores:

Antes de minha vida actual, vivêra em Paris. A casa onde habitara era velha moradia de bairro antigo. Defronte della, um lampeão illuminava a sagrada effigie, tosca-

mente pintada a fresco de Christo crucificado. Duma janella do meu quarto, costumava olhar muito tempo a imagem do Redemptor.

—Só isso?

—Só isso. Porem minha visão foi tão intensa que assumio um aspecto de realidade. Convem preveni-lo que, desde menino, ao começar meus estudos, tive não somente facilidade, mas verdadeira predisposição e predilecção para a lingua franceza e sua litteratura. Assim, na época a que me refiro, embora o tivesse estudado na Hespanha, já falava com correccão o idioma purificado pelo grande Racine e vulgarizado pelo grande Molière.

Ademais, sempre desejara conhecer a França, especialmente Paris, pelo qual sentia tão poderosa attracção como si fóra minha propria patria.

Amava sua historia, seus poetas e escriptores, e mais versado era no seu conhecimento do que no trato dos do meu paiz.

Minha visão da Alameda de Hercules persistiu pura na minha mente. Com frequencia a analysei, sem poder decifrar-lhe o enigma. Tive de pensar que fóra uma allucinação motivada pela minha superexcitação.

Passou o tempo e acabei com as pesetas herdadas de meu pae. Apresentou-se-me o eterno problema; parlamentar com a vida. Necessitava ganhar-a e para isso contava somente com a minha cultura geral e o meu conhecimento do francês. Pensei em emigrar e assim o fiz porem não foi, como muitos de meus antepassados para as distantes terras da America, preferindo escalhar um paiz europeu. Qual o melhor senão aquelle cujo idioma conhecia e pelo qual sempre tive grande affecto? Segui para Paris e entrei como traductor, na casa editora Garnier. Algum tempo depois, intentei collaborar nos jornaes, porem não tive successo. Tive de conformar-me com meu modesto lugar de traductor para ganhar a vida. Embora possuísse indicações litterarias, inutilmente me esforçava em realzar-as e isso mesmo me induzia a demoradas analyses, não conseguindo comprehender por que, diga-se o que quizer, nem sempre as nossas faculdades estão de accordo com os nossos propositos. Quanto a mim, os meus melhores intentos artisticos cahiam por terra inludivelmente. Uma invencivel fatalidade parecia-me fechar-me a passagem para as espheras superiores daquella com que me movia.

Vivia em Paris havia tres annos, quando, uma noite de regresso á casa, ao atravessar certa rua de

Montmartre, de repente parei. Assombrado, olhos arregalados de espanto, escutei no silencio nocturno os fortes ladridos do meu coração. De novo, avancei alguns passos e me achei deante da minha visão da Alameda de Hercules, em Sevilha. All estava o Christo crucificado, de rude pintura a fresco, desbotada e gasta pelo tempo. All estava o lampeão que o illuminava. E defronte, uma casa de venturosa apparencia com uma janella; a mesma de onde eu sabia ter visto, noutra vida, a imagem do Redemptor. Com passos tremulos parti dali e, chegando em casa, não pude dormir o resto da noite.

Aquillo não podia ser simples coincidência. Eu não poderia advinhar a tão grande distancia de tempo e espaço com factos de absoluta realidade, sem que uma causa tão positiva e tão real como o proprio facto não me tivesse dado seu presentimento.

Então, deveria aceitar, como certo um phenomeno de supervisão, de revelação pelo sub-consciente de minucias de minha vida anterior, ou não?

A hypothese se impunha, mas era falha de provas como demonstrava?

Recordel as admiraveis experiencias de suggestão hypnotica, que, naquella época, o sabio coronel de Rochas effectuava em Paris e decidi falar com elle.

Conhecedor do meu caso, de Rochas examinou-me o organismo e aceitou a proposta de suggestionar-me. Convimos, que, quando estivesse em estado hypnotico, tudo quanto dissesse seria escripto por outra pessoa.

Com varios passes longitudinaes, o celebre magnetizador me pôz em transe. Por successivas etapas, fez-me percorrer minha vida actual até chegar á meninice. Logo um periodo de obscuridade se seguiu, do qual nada podia responder ao que me perguntavam; era a época anterior ao meu nascimento. Porem novos passes tornaram meu somno ainda mais profundo e, de subito, uma voz de velho respondeu ás perguntas.

Dizia chamar-se Claudio Jouffroy, ter sessenta annos e ser escriptor de profissão. Estava gravemente enfermo, achando-se nos derradeiros dias de sua existencia.

Continuaram os passes. Jouffroy contou sua vida em Paris, retrocedendo da velhice á idade madura e logo á juventude.

Tinha trinta annos. Era em 1835. Naquella época, a França sustentava grandes lutas politicas e religio-

sas. Divididas as opiniões entre a livre pensar e a fé religiosa, Jouffroy pertencia á primeira. Impulsionado pelo que havia de pior no espirito voltairiano, combatou, aspera e sarcasticamente, a eloquencia impetuosa e pathetica de Lacordaire, a brilhante palavra de Montalambert, e até o espiritualismo eclectico de Victor Cousin. Enfim, seu liberalismo e oitranço degenerou em materialismo.

Jouffroy soffria no ver-se derrotado e isolado, pois naquella época as idéas de Voltaire, que predominaram durante a revolução, sa achavam fóra de moda, e embora o catholicismo fosse combatido dentro delle mesmo pelo padre Lamennais e outros escriptores, as novas orientações tendiam para o espiritualismo.

O coronel de Rochas perguntou a

Jouffroy onde vivêra nesse tempo e elle replicou ter morado em Meunierre, numa casa defronte da qual havia um Christo pintado, illuminado por um lampeio que avistava de sua janella. A prova era concludente.

Fui despertado de somno hypnotico e soube agora acabo de repetir-lhe. Acredite, sabendo desta coisa, na sobrevivencia da alma.

—No minimo, a sua aventura é extraordinaria, retorqui, e de qualquer modo o phenomeno de supervisão fica plenamente demonstrado pois você viu de Sevilha em lugar de Paris, sem conhecê-lo.

—Não posso duvidar, insistiu o meu companheiro. Estou absolutamente convencido que meus desejos frustrados de produzir obras de arde agênder na ordem intellectual te, minhas angustias por não po-

são castiga que mereci por ter empregado muitas opiniões a favor de uma causa injurta, durante minha vida anterior. A gente tem que se redimir em novas existencias. Se a verdade satisfaz nosso espirito e se podemos encontrar o caminho da verdade apertelgando-nos. Para conseguir a luz, antes de tudo é preciso ter olhos e abri-los totalmente.

Ao dizer estas palavras observei os olhos de Ariona, resplandeciam como em triumpho.

Indubitavelmente, elle julgava estar de posse do grande segredo.

Amanheceu. Ao longe, o sol nascente, desvendando a bella costa franceza do Mediterraneo, parecia confirmar a estranha narração com um milagre de renascimento.

JAVIER NUNES PRADO

Curiosidade

Respeitando a devida orthographia publicamos abaixo uma carta que Francisco Antonio, inspector de um dos nossos engenhos, dirigiu no domingo de carnaval ao seu patrão:

Mando communicar a v. s. que as maiscas não podi sahir na rua por cazo do pessoal estando eu no serviço chegando ás 5 horas foi arecebendo uma grande queixa que finhas rasgado umas maiscas no meio da rua para conhecer quem era sendo 3 militares que foram rasgar as maiscas uma sendo Maria di Ludi e outra Dó e outra sendo Anna di Neco foi essas 3 que foram rasgar as maiscas para reconhecer então ficaram dizendo que rasgaram e fica rasgando tantas saissi a depois saindo 3 moças di figura a juntou-si as cabroeira di menino e nessi meio pegaram no seio da moça eu mando communicar a v. s. e mando pedir providencia porque não tem soldado. Do cred.

Francisco Antonio espequitro.

*** Visitando a Casa de Pe-
nhores de Mortani & Comp.

Oh! Quanta gente fina de hora em
hora
Aqui empenha as Joias sem valdade!
No en'anto banca o rico lá por
fóra!
Oh! Mundo de miseria e falsida-
de!...

A vida é mesmo assim fingida e
torta.
A lagrima não mais exprime a dor.
Comedia? Sim. A honra é letra
morta.
Mais vence quem mais sabe ser
actor!

Oderfla Amag.

Meus oito annos

(Para a alma garota de Beatriz-
nha Chre de Rocha)

Apesar da carreira vertiginosa do tempo, eu ainda me lembro de quasi todos os episodios de minha vida de creança!

Uma vez, esa por uma dessas tardes amenas do mez de dezembro, e eu tinha oito annos apenas.

Respirava o ar livre do campo, e... Mas, para que recordar aquella quadra, hoje para mim tão bella, avivar saudades que só tenho procurado esquecer?

N'aquelle tempo a idade de creança me aborrecia: eu desejava ser homem.

Ser creança era ir todos os dias á escola que me enfastiava; era ser vigiado nos meus passos, ainda mais insignificantes; era ser escravo, enfim.

Eu desejava ser homem para ser livre, desejava ser homem para ter ao meu lado n'a mulher moça e formosa a quem eu desse o doce nome de esposa.

Cresci e cheguei á idade que tanto ambicionava, que tantos attractivos parecia possuir; porem desillusões se apoderaram de minh'alma e hoje reconheço quanto me enganava quando eu era creança e tinha apenas oito annos. Eu daria hoje de bom grado todas as liberdades que tenho gosado, em troca das privações por que passei quando era menino e, ai, quem me dera ser creança!

Creança é a estrella que nasce fulgurante e linda no azul do firmamento; creança é a aurora que desponta derramando jorros de luz, por sobre a terra; creança é a flór que desabrocha perfumosa e fresca no galho, balouçada pelo rocio da manhã de abril; ser creança é ter nos labios o riso innocente dos anjos; ser creança é

ter a alma candida como a pureza das vestaes antigas de que nos fallam as lendas; ser creança é receber o amplexo do Divino Mestre, porque Jesus Christo amou ás creanças; ser creança é, como disse Vieira de Castro, ter o coração cheio de esperanças e os olhos fitos no futuro, que é de Deus. Eu, portanto, que sinto minh'alma estremecer agradavelmente ante o vulto risonho de uma creança; eu que nutro em meu coração saudades profundas, recordações doces d'aquelle quadra cheia de maga poesia, brindo ás creanças, que á semelhança das borboletas a adejar por sobre as flores dos jardins celestes, doudejam, correm, alacres e saltitantes, por essas campinas verdejantes!...

BATELÃO.

* * Vitalina! Vitalina!... e não se fala noutra coisa no Recife!...

Com o João dos Cartazes, typo popular muito conhecido nesta capital e um dos maiores propagandistas da tal moça velha, Vitalina, deu-se o seguinte facto, que ora registro:

Nas festas carnavalescas
A Lina innocente e pura,
Deixou-se levar no frevo,
Perdeo-se na varredura!

E no dia immediato
Sua mãe enlouquecida,
Pergunta a João dos Cartazes
Por sua filha querida.

Perante a velha afogada
O João logo se inclina
Respondendo pressuroso:
"Poís en nunca vi tá Lina!..."

Oderfla Amag.

QUEBRA CACHOLA

Torneio do Paschoa



Mlle. Maria Iracy de Oliveira (*Lise Fleuron*) habil cultora da Sciencia de Edipo e insigne poetisa.

Lise Fleuron, nome de ha muito conhecido em nossas rodas intellectuaes, conseguiu brilhantemente o premio "Maior numero de trabalhos publicados" no Torneo de São João, tendo recebido por isto um volume da obra "O homem e a morte", de Menotti del Picchia.

Agora, acaba de obter os premios "Melhor trabalho publicado", e "Melhor Logogrypho". Graças aos seus esforços e perseverança, *Lise Fleuron* já conta innumeras victorias em concursos charadisticos de nossas melhores revistas.

Parabens.

CHARADAS NOVISSIMAS

48 — Pra que bateste na cabra com esta variaba? 2-1.

Minerva.

49 — Esta canna do Japão, temos como isca para peixe. 2-1:

50 — De Lages, trouxe este homem como meu criado. 1-2.

Onidranreb.

51 — O quadrupede que vive em Napoles, foi visto pela mulher. 1-2.

Losa Shara.

ELECTRICAS

52 — A serpente engollu a vibora. 3.

53 — O consul partidario de Mario, era bisneto de Pompeu.

P. Z.

54 — O rio levou em suas aguas o corpo de n'a mulher. 2.

55 — Atirei o calçado no rio. 4.

Minerva.

CASAES

56 — Homem astucioso gosta de mulher feia. 3.

57 — O meu protector me fez presente de uma cartucheira. 3.

Miroma.

SYNCOPADAS

58 — Com a moeda comprei a machadinha. 3-2.

59 — Para adquirir a meia fiz desordem. 3-2.

Vitalina do Carito.

METAGRAMMAS

(*Varia a 2.ª letra*)

60 — Com um instrumento matei o ampãibio. 4-2.

(*Varia a 2.ª letra*)

61 — A minha opinião é que voce deve seguir a profissão de cantor. [5-2.

(*Varia a 3.ª letra*)

62 — Que me dizes? Cobra é reptil amphibio? 4-2.

Raul Fateixa.

(*Varia a 3.ª letra*)

63 — O reptil alimenta-se do mio do côco. 5-2.

Vitalina do Carito.

PREMIOS DO TORNEIO DE NATAL

Ao valente charadista *Raul Fateixa* foi entregue um volume da obra intitulada *Mão* do notavel escriptor Coelho Netto.

A' insigne charadista *Levy Galhardo* foi entregue um volume do lindo romance de Mario Sette, intitulado *Senhora de Engenho*.

A' esforçada charadista e poetisa *Lise Fleuron* foi enviado pelo correio um volume de *Banzo*, reputado livro de chronicas de Coelho Netto.

A' charadista *Chrysan'd'Alva* foi entregue um volume do livro *Traições da Lingua Portuguesa*.

Ainda a *Lise Fleuron* foi enviado



o pequeno livro dramatico de Mario Sette *Quem vê cara...*

Mais uma vez eu me congratulo com os vencedores.

MAIS UM PREMIO

O nosso querido collaborador *P. Z.* Ta acaba de instituir um Premio para quem decifrar todos os seus pontos no presente Torneo, a contar desde o primeiro numero.

RECADOS

Mlle. 12-9-14-4-15-3-1—(Concordia)

— Carnaval!

Domingo, *Vérde-Preto!* Segunda, *Sport* (Encarnado-Preto)! Terça, *Vérde-Preto*, Príncipe dos Principes Riscos. Pierrot — Arlequim — Colombina.

Comprehende? Concordia — a rua oblonga — estava alegre e saltitante. Quarta, Tédio. Quinta, Recordações. Sexta, Tristeza. Sabbado, Vespera do Domingo. Domingo, Alegria e incertezas. Ilusão minha? Utopia? Fraqueza? Oh! Quem me dêra... 1-13-15-20-5.

Losa Shara — *Jurema* no Simões não é planta, e *Jurador* não está bem feita. Portanto estas duas novissimas estão inutilizadas. Mande novos trabalhos, pois os seus já se exgotaram.

Vitalina do Carito — Mande novos trabalhos.

Raul Fateixa — Satisfeito?

Levy Galhardo — E' digno de riso o estado de *Traições*, não acha? Mas, minha collega, "quem não vota, não vota"... "Cada qual dá o que tem..." Comprehende-me? Sua photographia sahirá no proximo numero. Para este não houve tempo. Mande trabalhos.

Lise Fleuron — (Bello-Jardim) — Recebeu os 2 premios? Veja a imparcialidade até que ponto chegou. Não ha "engrossamentos" nem "bajulações".

Apenas justas e merecidas homenagens.

BATELÃO.



Neste edificio é onde se fabrica a melhor Cerveja do
— BRASIL —

Viriato & Villa-Chan

Os unicos no norte do Brasil que recebem
cerca de 90.000 fardos de xarque por anno.

Grandes vendedores de estiva em grosso,
sal de Macau grosso e triturado e o conhecido sal
para mesa "NEVADO"

Rua Pedro Affonso, 6 a 20

Recife—Pernambuco

CLUB PERNAMBUCANO

O mais luxuoso do Norte do Brasil

PATEO DO PARAIZO

As maiores novidades artísticas no genero de "Cabaret"

Todas as noites de 8 as 2-1/2 da madrugada

Restaurant de 1.^a ordem — Orchestra optima

HOJE!

HOJE!

Em fantes trabalhos de

THEREZITA FLORES

a conhecida artista

Em lindos bailes de balnearia Pitar Lopes

Em maravilhosas cançõnetas por Mary Grefe

por Mlle. Wanda Bruekner

Todos os sabbados bailes a phantasia

em meio "cabaretier" sul americano

— TAMBERNICK —

que tem tido a grande parte de exito nas ultimas noites